

## IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá  
12, 13 e 14 de Novembro de 2014

### UMA VISÃO DA FENOMENOLOGIA MERLEAUPONTYANA SOBRE FRIDA KAHLO

Rayssa Almeida Gaspar ( Departamento de Psicologia, Universidade Estadual e Maringá, Maringá-PR, Brasil); Nome e Sobrenome, sem abreviações, do(a) professor(a) orientador(a); Lucia Cecilia da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual e Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: raylarina@gmail.com

**Palavras-chave:** Mundo. Arte. Corpo.

Frida Kahlo (1907 – 1954) foi uma artista mexicana marcada pela cultura natal, pelos acidentes que sofreu com o corpo e pela sua paixão por Diego Rivera. Frida teve poliomielite aos seis anos de idade o que fez com que ela tivesse que usar prótese em uma de suas pernas a deixando manca. A artista, desde muito nova, mostrava interesse pela observação da natureza, por literatura, filosofia e arte por influência do pai e de amigos. Em 1922 foi matriculada na Escola Nacional Preparatória que ficava na capital do México. Frida era uma das poucas meninas que estudou lá naquela época e sempre fora rodeada de amigos e intelectuais. Aos 18 anos sofreu um acidente em um ônibus e teve uma barra de ferro atravessada em seu corpo, em suas genitálias. Devido a isso ficou muito tempo presa à cama, foi submetida a mais de trinta cirurgias, durante vinte e nove anos de sua vida. Frida foi informada que não poderia ter filhos, mesmo assim engravidou, mas sofreu três abortos.

A carreira artística de Frida sempre fora incentivada pelo pai. Ela iniciou a pintar com mais frequência quando o pai dela lhe deu de presente uma caixa com tintas e pincéis no momento em que estava se recuperando do acidente. Devido aos acontecimentos de sua vida, Frida, aos 19 anos, iniciou suas obras, “grande parte delas expando a dor, a subversão, um olhar sobre si mesma utilizando como modelo principal ela mesma” (TOLEDO; MANHAS, 2006, p. 4).

Sobre a arte da pintura Merleau-Ponty (1908 – 1961), filósofo fenomenólogo francês, fez importante estudo para mostrar que assim como na fenomenologia, não há separação entre sujeito e objeto. O pintor na sua pintura vê o mundo tal como ele é, ou seja, a pintura não é uma representação do mundo. Para o filósofo:

um pintor não pode consentir que nossa abertura ao mundo seja ilusória ou indireta, que o que vemos não seja o mundo mesmo. É preciso tomar ao pé da letra o que nos ensina a visão: que por ela tocamos o sol, as estrelas,

## IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

estamos ao mesmo tempo em toda a parte, tão perto dos lugares distantes quanto das coisas próximas (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 43).

Lima (1998) explica que Merleau-Ponty tentou encontrar a essência da pintura assim como fazem os clássicos com a filosofia, quiz averiguar a questão da fenomenologia e do ser como encarnado no mundo, assim não há distâncias entre corpo, consciência e mundo, já que o mundo é vivido.

Nestes termos, esta pesquisa teve como objetivo compreender o mundo vivido de Frida Kahlo por meio de algumas de suas obras e de sua biografia analisadas à luz da fenomenologia merleau-pontyana. Foram analisadas quatro de suas obras: *Autorretrato na fronteira entre México e Estado Unidos* (1932), *Umas facadinhas de nada* (1935), *Minha babá e eu* (1937) e *As duas Fridas* (1939). Os resultados foram obtidos por meio da correlação entre a vida e obra de Frida a partir de pesquisa em artigos e na biografia escrita por Hayden Herrera (2011).

Merleau-Ponty queria refutar a idéia de pintura como representação, a pintura seria da ordem do “aparecer” assim como o fenômeno é para o sujeito na fenomenologia. O que seria então um quadro ou uma pintura para Merleau-Ponty? Certa vez ele respondeu que um quadro é um visível elevado à segunda potência, conforme esclarece Escoubas:

Um quadro não é um objeto que coincidiria com uma certa ocupação de um certo espaço ou de uma certa extensão. Um quadro é uma “potência” —mas de que potência se trata aí? Uma “potência” de “fazer ver”, de “fazer mundo”. Potência de dar a visão aos “videntes” que nós sem dúvida já somos, mas para nos fazer ver “de outro modo”. Potência de fazer mundo, mundo que sem dúvida já é, mas para fazer do mundo “um mundo”. (ESCOUBAS, 2008, p. 226)

O artista, como todo homem, é uma presença no mundo e é consciente disto. A consciência é corporalmente situada que se exprime, se lança ao mundo e às coisas. A motricidade do corpo seria então uma maneira existencial de o corpo assumir-se no mundo (CHIH, 2010, p.55). Ou seja, o corpo se lança ao mundo na tentativa de se exprimir, sendo Ser Bruto e Espírito Selvagem por meio da criação. Chauí (1999) explica que para Merleau Ponty o Ser Bruto é o ser da indivisão, aquele que desconhece a separação entre sujeito e objeto, alma e corpo, consciência e mundo.

O artista então é um ser com um corpo no mundo em que o ser já é este corpo. E ele é um corpo fenomenal e intencional, e a partir das relações, dos olhares, gestos, se criam novas imagens. Assim, afirma Chih (2010) que a consciência artística passa a ser consciência do

## IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

próprio corpo do artista no mundo. E é justamente por este encontro do mundo com o artista e do artista com o mundo que há sempre nas obras algo que nos escapa, jamais se fechando numa única proposição acabada. Então ao vermos uma obra-de-arte não vemos senão o quiasma ou juntura entre mundo e consciência.

O que pode nos ser visível do encontro do mundo com Frida e de Frida com o mundo? Que junturas podemos ver nas obras escolhidas para análise?

Frida “pinta aquilo que sente” (HERRERA, 2011). Sente a dor e a recoloca por meio de elementos na sua pintura, como se fosse um terceiro movimento, quando já percebeu o mundo e se percebeu e se coloca em um novo espaço neste mesmo mundo com o corpo e visão.

Para Merleau-Ponty expressão e percepção implicam-se reciprocamente: toda percepção é expressão, toda expressão é percepção. Ou seja, não há algo que vem primeiro como no caso de uma interioridade, subjetiva, e uma exterioridade. O modo de se vestir de Frida é tão verdadeiro para ela como a sua pintura, tanto nos figurinos quanto na pintura estão a mexicanidade, a mistura multicultural, suas crenças, os seus gostos a forma como ela vê o mundo, como ela o vivencia.

Ela expressou em sua arte como era, para ela, ser mexicana e viver nos Estados Unidos. Se Frida sentiu-se dividida entre os Estados Unidos e o México, do qual tanto gostava, e pintou a obra Auto-retrato na fronteira entre México e Estados Unidos (1932) isso se deve, na visão merleaupontiana, por Frida transformar seu próprio mundo em pintura, seu corpo e gesto que pinta é visão e movimento e não um corpo mecânico; é um corpo que percebe e se expressa, consciência encarnada. Frida sentia saudades do México quando estava nos Estados Unidos, sentia que os gringos eram “sem graça” e passava algumas tardes olhando lojinhas de quinquilharias em Chinatown, bairro norte americano onde adorava comprar novos tecidos para incorporar em suas roupas. Frida era muito ligada a sua terra natal, aos costumes mexicanos, a natureza e a cultura que remetia a ancestralidade mexicana (HERRERA, 2011).

Um outro exemplo do envolvimento de Frida com os seus sentimentos e sua obra é quando pintou a tela “Umas facadinhas de nada” em 1935. Nessa obra há uma mulher ensangüentada deitada em uma cama e um homem ao seu lado, em pé, segurando uma faca. Há sangue pintado pelo chão, na mulher, no lençol, na camisa do homem e até na moldura da

## IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

tela. Em cima da cabeça do homem há dois pássaros levando uma faixa em que está escrito “Unos Cuantos Piquetitos!”. Segundo Herrera (2011) Frida teria pintado essa tela devido a um noticiário que ouviu na época sobre o assassinato de uma mulher e ficara comovida.

Entretanto Herrera (2011) alega a possibilidade de Frida ter colocado sentimentos acerca da traição de sua irmã caçula, Cristina Kahlo, com seu marido, Diego Rivera. Ela pintou a obra logo que soube da relação dos dois. Ela se sente assassinada, esfaqueada. Frida ironiza ao dizer que foram “umas facadinhas de nada” na faixa com os pássaros, pois há sangue por todo o quarto. Seu mundo-dor aparece na tela.

Frida também pinta “tempos depois” de o mundo ter surgido como experiência. Ela traz o significado diante de seus olhos e pintará o seu mundo conforme ele foi ou é ressignificado para ela. Um exemplo disso é a obra “Minha babá e eu” pintada em 1937. Na obra Frida aparece com tamanho infantil, sem expressão facial, sugando o leite de sua ama de leite. Herrera (2011) conta que Frida fora amamentada por uma ama de leite, já que sua mãe não poder lhe amamentar. A pintura mostra uma relação de não proximidade de Frida com a ama de leite, talvez com a própria mãe. Pode-se fazer muitas interpretações, mas o que se vê é um mundo “sem rosto”, um distanciamento.

Pode-se pensar ainda a questão do corpo sob a perspectiva merleau-pontyana na obra “As duas Fridas”, de 1939. Herrera (2011) afirma que esta obra foi pintada logo após a separação de Diego, em um momento em que ambos estavam entrando em desacordo. No quadro aparecem duas Fridas, uma com características da cultura europeia e a outra com traços da cultura mexicana. Elas estão ligadas por uma veia ou artéria que sai do coração de uma e vai até o coração da outra. No entanto uma delas está com uma tesoura na mão pois cortou uma das artérias. A Frida com vestimentas em estilo mexicano encara o espectador da obra, porém a outra Frida, que veste roupas à europeia desvia o olhar. É ela que cortou a artéria. O sangue escorre da artéria cortada, a impressão é de que ele irá esvaír até a fatalidade e a morte. Frida sente com o corpo e apresenta o corpo à visão e o coloca na pintura.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que Frida apresenta seu próprio corpo em suas obras. Frida é o corpo que vivencia as dores, emoções e sentimentos e é corpo apresentado nas obras vivenciando também dores e emoções. Por meio de suas obras, Frida produz sentidos de “seu” mundo.

Esta pesquisa mostrou que há interfaces entre a arte e a fenomenologia, e que o artista faz o mundo aparecer, o que Merleau-Ponty quis compreender. Para Merleau-Ponty é por

## IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá  
12, 13 e 14 de Novembro de 2014

meio da criação que temos a experiência do mundo, é por meio do visível que o ser vem a visibilidade e para que isso ocorra é necessário o trabalho do pintor. E é exatamente a volta ao mundo da percepção que a arte esquematiza e re-coloca, re-aprendendo a ver o mundo, tal como a fenomenologia convoca para que se deixe a representação, e se volte às coisas mesmas, da forma como elas aparecem à consciência.

### Referências

LIMA, João Tiago Pedroso de. **Maurice Merleau-Ponty, Paul Cézanne e o problema da essência da pintura**. Editora, cidade: ano. 1998.

ESCOUBAS, E. Alguns temas da estética francesa contemporânea. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.00, n.00, p.219-232, mês/ano. 2008.

PERIUS, Cristiano. A definição da Fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl. **Trans/Form/Ação**, Marília, v.35, n°1, p. 137-146, jan-abril/2012.

PONTY, Merleau. **Conversas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PONTY, Merleau. **O olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CHIH, C. A fenomenologia da arte em Merleau-Ponty. **Revista Ágora**, Salgueiro-PE, v.5, n.1, p.51-61, agos.2010.

CHAUI, M. Merleau-Ponty, Obra de arte e filosofia. In: NOVAES, A. (Org.). **Artepensamento**. Companhia das Letras, 1994, p. 467- 492.

HERRERA, Hayden. **Frida definitiva: A biografia**. São Paulo: Globo, 2011.